

4^a Parte

Discursos

O Pescador de Tabocal

Artur Eduardo Benevides

BATISTA DE LIMA é um escritor vocacionado para o seu nobre mister, com a vantagem de possuir excelente formação universitária na área de Letras e de haver realizado, com brilho, o Mestrado em Literatura. É, portanto, alguém que conhece profundamente o seu ofício, a ele se dedicando com a força do talento e uma visão maior dos problemas ligados à construção verbal, à imagética, à temática e à estilística, conhecendo, como conhece, os grandes autores do Brasil e do mundo.

Tudo isso o credencia a um seguro desempenho no processo de criação, seja na poesia, na ficção ou no ensaio literário. Estreando em 1977, com Miranças, publicou em seguida Os Viventes da Serra Negra, Engenho, Os vazios repletos, Janeiro da Encarnação e um estudo sobre Moreira Campos. Agora nos dá O Pescador de Tabocal, em que demonstra ser possível a abordagem do regionalismo, sem prejuízo de uma visão geral do tempo e do ser, pois as partes, em última análise, são as componentes do todo.

Em seu novo livro, mostra-nos o rico universo de Tabocal, uma vila talvez imaginária, mas simbólica, do sertão nordestino, crescida em torno da igreja de São Sebastião e ameaçada, certa vez, como o grande fato de sua história, de ser invadida pelo famigerado bando de Lampião, além de sofrer as agruras de longas estiagens. E o autor, *cum grano salis*, fala-nos das quermesses, das eleições, dos jumentinhos evangélicos, dos bois de guia (destacando-se o Navegante), dos penitentes, do mito do lobisomem, dos tropeiros madrugadores, do velho vigário, do poder dos coronéis, das novenas, do carnaval, das velhas e prestimosas parteiras, ou cachimbeiras, das intrigas políticas, do estranho futebol em que o juiz apitava de cima de uma mangueira, e de todas as cousas, enfim, que davam sentido e expressão social e humana à pequenina Tabocal, com suas singularidades de vilarejo dominado por chefetes astuciosos e corruptos.

Batista de Lima não utiliza a narrativa longa e detalhista. Conta somente o essencial, desprezando tudo o que seja superficial ou perfunctório, no que segue, diga-se *en passant*, a lição de grandes mestres no gênero. E o faz de maneira agradável e inteligente, despertando, desde as primeiras páginas, a atenção do leitor, pois tem, realmente, o dom de criar, em Literatura, com um indiscutível *sense of humor*.

Só Deus, aliás, cria no vazio, segundo o ensinamento de Dostoievski. Nós outros, os mortais, necessitamos de muita coisa: talento, domínio da língua, experiência de vida, um longo olhar sobre os seres, a intuição, o sonho, a prospecção do real, o amor e a proustiana recherche du temps perdu. A isso, Rilke juntava, em poesia, um certo sofrimento de alma e a paciência de ver as cousas amadurecerem em nós, como os frutos nas árvores. Só, então, nasceria, com ímpeto, o desejo de criar, ou, como diria Raissa Maritain, de recriar.

E Batista de Lima sabe disso. Daí porque o seu regionalismo é autêntico, pois ele o trouxe no sangue e na memória, na cosmovisão e na vontade de fixar momentos alegres, ou tristes, ou patéticos, ou líricos, que vivenciou nos caminhos do mundo rural.

O conto, aliás, gênero em que agora se exercita, é irmão da crônica, da fábula, da parábola, do apólogo e do poema em prosa. Historicamente, já existia com os egípcios, os árabes, os chineses, os gregos e romanos, sobretudo na exploração de motivos míticos, maravilhosos ou de conteúdo moral e didático. Começa a se tornar um gênero autônomo a partir do período medieval e pós-medieval. E ninguém pode esquecer, na sua trajetória, ou em seu percurso existencial, as Mil e Uma Noites orientais ou os Contos e Histórias de Proveito e Exemplo, de Gonçalo Fernandes Trancoso, de 1575, em Portugal. Nele se destacariam Boccaccio, na Itália, com o Decamerão, e Chaucer, na Inglaterra, com os Canterbury Tales, aumentando, na Renascença e Pós-Renascença, o número de seus cultores, entre os quais Cervantes, na Espanha, com suas Novelas Exemplares, em 1613, e La Fontaine, com seus Contes, em 1665, em França. No século XVIII, Voltaire escreve algumas histórias perduráveis e o gênero, aos poucos, fica totalmente independente do romance e da novela. No século XIX, destacar-se-iam, entre muitos,

Maupassant, Edgard Allan Poe, Tchekov e Hoffmann, este com o conto fantástico, até chegarmos a Katherine Mansfield, James Joyce e Kafka, sem esquecermos, no Brasil, o mestre Machado de Assis.

No que se refere à linguagem, esta se foi tornando cada vez mais concisa e precisa, dentro da célula dramática e interpretativa, que tanto usa o tempo cronológico quanto o psicológico, sobretudo modernamente, podendo ser universalista ou regionalista. E esse é o caso do nosso Batista de Lima, com as histórias de O Pescador de Tabocal, em que a *local color* é evidente, com suas características. Com tais contos, aliás, se enriquece não só a bibliografia do autor, como a do próprio gênero, no Ceará.

Por isso lhe trago o meu saudar, certo de que ele vem exercendo, com brilho, a sua função cultural, na moderna Literatura Cearense, nos campos da ficção, da poesia e do ensaio. É um autor em permanente ascensão, trabalhando sua arte com dignidade e amor, pelo que merece o nosso respeito e o nosso estímulo, na convicção de estarmos em contacto com um intelectual cujo futuro é dos mais expressivos, em decorrência de seu reconhecido valor e de seu comportamento exemplar no mundo das Letras, como escritor e professor de Literatura. E faço uma revelação final: aguardo, com esperança, a sua próxima eleição para a Academia Cearense de Letras, num justo prêmio ao seu merecimento.

(Proferido no Ideal Clube, no Lançamento do livro de Batista de Lima)